

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

88

INSCRIÇÕES 400-002



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2009

ÁRULA VOTIVA DE ALTER DO CHÃO

No âmbito do “Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão”¹ procedeu-se, em 2004, à remoção mecânica de uma espessa camada de entulho, junto à Piscina Municipal, onde terá funcionado o aterro da vila durante vários anos. Este aterro localizava-se poucos metros a nascente das termas públicas do aglomerado urbano de *Abelterium*, situadas em Ferragial d’El-Rei, junto ao Campo de Futebol Municipal.

Entre o material de construção recente retirado do local, foi recolhida uma árua votiva, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com muita patine amarelada, totalmente descontextualizada face aos fracos níveis arqueológicos identificados no sítio. Terá sido, por certo, encontrada durante as obras efectuadas numa qualquer casa de Alter do Chão e atirada, juntamente com os detritos, para o Aterro Municipal. Encontra-se agora acondicionada nas reservas do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alter do Chão.

Desconhece-se se o capitel terá sido partido aquando das referidas obras, pois já foi encontrada com o topo do fuste truncado obliquamente, de trás para a frente e da direita para a esquerda. Tem vestígios de concreções calcárias, em quase todas as faces, resultado da exposição a zonas de humidade, possivelmente aquando da sua deposição no Aterro Municipal. Além disso, apresenta também fissuras e fracturas em todas as faces do fuste, à excepção da frontal, na qual se insere o texto, bastante desgastado também, por completo irreconhecível na primeira linha e parcialmente cortado na segunda. Os quatro cantos da base estão fracturados e toda a peça apresenta alguns toques, nomeada-

¹ Este projecto é financiado pelo POC, tem como promotor o IGESPAR, é desenvolvido em parceria com a Câmara Municipal de Alter do Chão e conta com a colaboração da DRCALEN.

mente no meio da face epigrafada, uns antigos e outros mais recentes, provocados pelos dentes da pá da máquina.

Nas faces esquerda e direita, uma cercadura rectangular lisa com 1 a 2 cm de largura sem afeiçãoamento do interior. Entre a base e o fuste, há moldura de gola reversa, seguida de toro e formando ranhura na junção com a base que ora se apresenta tosca, embora sempre assim o possa ter sido, na medida em que essa era a parte que, mui provavelmente, assentava num plinto. Tem cerca de 4 cm de altura, sendo mais saliente nas faces posterior e esquerda.²

Dimensões: 32,7 x 18,2 x 11,3.

Campo epigráfico: 15,3 x 18,2.

[...] / [...] IVM [?][...] / [?] AMILIA · VRBA/NA EX VOTO
/ ⁵ POSVIT

[...] Amília Urbana por voto colocou.

Altura das letras: l. 2 a 4: 2,5; l. 5: 2,4. Espaços: 2 a 5: 0,5; 6: 1.

A paginação, quanto se pode ver, é cuidada, seguindo um eixo de simetria, bem visível na colocação de *posuit* na última linha. As letras conservam bastante regularidade, indiciando um *ductus* na vertical, a postular uma gravação no solo e com auxílio de linhas auxiliares perceptíveis no alinhamento da parte superior e também da parte inferior das letras (veja-se, no OS da última linha, em que parece ter quase havido um decalque na horizontal, quando seria de esperar uma certa curvatura em ambas as letras) assim como nos vértices ‘sublinhados’ do I e no breve traço horizontal do P no vértice inferior.

Caracteres actuários, esguios, desenhados à mão levantada, como se pode deduzir, por exemplo, do traçado do M (l. 3), onde as hastes se não tocam para formar o ângulo do vértice; no O bem ovalado; no P que não fecha; no S, mau grado a relativa simetria; no V de hastes não rectas; no B assimétrico. O A parece não ter barra e as barras dos

² Esta ara é em tudo semelhante à que A. M. Dias Diogo publicou: «Estela funerária de São Pedro (Alter do Chão)», *Ficheiro Epigráfico* 52 1996 n.º 238. Não se trata de uma estela mas sim de uma ara, como no caso presente, e também desapareceu, com a reutilização, a metade superior. Saiu certamente da mesma oficina, pois que termina com a palavra POSVIT na mesma posição axial, com a mesma forma de grafar as letras, só que, na ara de São Pedro, houve uma ligeira distração e o lapicida repetiu o V.

T são breves. Pela paleografia, portanto, um texto atribuível ao século II da nossa era.

Se POSVIT, na última linha, se lê sem dificuldade e se, apesar do mau estado da face epigrafada nesse local, é mui verosímil reconstituir EX VOTO,³ não nos restam dúvidas de que estamos perante uma ara votiva.⁴ Consequentemente, nas linhas anteriores, estarão o teónimo eventualmente seguido de *sacrum* (numa linha só ou em duas); a identificação da dedicante e, quiçá também, o motivo do ex-voto.

Não obstante o mau estado da superfície epigrafada e o facto de *Amilia* não se ter documentado, até ao momento, que nós saibamos, na epigrafia peninsular, a leitura *Amilia Urbana* cremo-la assaz viável, mau grado não sabermos que fazer da letra anterior: um P? Mas não encontrámos nenhum paralelo para um possível gentílico *Pamilia*, por exemplo. Claro que preferiríamos – por mais usual – o *nomen Aemilia*, mas não enxergamos vestígio do necessário nexu AE. *Amilia* é referido nos índices de Schulze⁵ e é passível de se aproximar do *cognomen* grego *Hamilla*, *-us*, bastante atestado na epigrafia urbana de Roma.⁶ *Urbana*⁷ constitui, por seu turno, um *cognomen* latino documentado com mais de três dezenas de testemunhos na Península Ibérica, por exemplo⁸. Uma dedicante que se identifica, portanto, bem à latina, omitindo a filiação, o que não é, porém, estranho em texto votivo.

Seríamos tentados a ver no VM – que supomos legível na linha que consideramos l. 2 – o final de SACRVM de que atrás se falava; mas não só desconhecemos se, antes desta, haveria apenas uma ou se duas linhas, como também não lográmos decifrar o que terá sido escrito a seguir.

³ Não se notam as barras horizontais do E, que mais parece, por isso, um I; no lugar onde se grafou o X a pedra foi esmurrada; contudo, tendo em conta as medidas das outras letras, afigura-se-nos que se pode apresentar essa reconstituição como garantida.

⁴ A expressão *ex voto posuit* é corrente na epigrafia votiva, inclusive na peninsular. Ainda que com a natural desactualização, podem ver-se os exemplos citados por Hübner: *Corpus Inscriptionum Latinarum* (=CIL II), Berlim, 1892, p. 1194.

⁵ SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*. Berlim, 1966, p. 599.

⁶ SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlim-Nova Iorque, 1982, p. 1180.

⁷ No sítio do N a pedra lascou, deixando apenas bem nítidas as duas barras verticais da letra.

⁸ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Madrid-Murcia, 1994, p. 550.

Em suma: o facto de o teónimo dever estar referido na parte do altar que desapareceu; e a dificuldade – que assumimos – de sugerir uma reconstituição para o texto que precede o nome da dedicante cerceiam-nos a possibilidade de, por enquanto, irmos mais além do que confirmar a importância da epigrafia votiva de *Abelterium*, pois, como se sabe, outros documentos do mesmo teor aqui se encontraram, todos eles, curiosamente, sem que se saiba a que divindade foram consagrados, ou porque nunca foi gravado (o que também no presente monumento em estudo pode ter acontecido, assinale-se) ou porque desapareceu com os maus tratos sofridos: o altar achado no Reguengo e o da Passareira (Seda), este dedicado por um indígena a uma divindade cujo nome se desconhece.⁹



401

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁹ Vide ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, inscrições n.ºs 614 e 635. Atendendo às muitas dúvidas de leitura, preferi colocar este último documento quase no final do capítulo *Ammaia*, no seio dos fragmentos; contudo, a circunstância de os três monumentos nos terem chegado sem nome de divindade conhecido pode, mormente se outros achados se derem, levar à inclusão também desse altar no número dos ex-votos.

LÁPIDE FUNERÁRIA DA HERDADE
DA TORRE DO LOBO,
TORRE DE COELHEIROS, ÉVORA
(*Conventus Pacensis*)

Estela funerária romana identificada, a 22 de Agosto de 2008, no âmbito dos trabalhos de prospecção que visam completar os dados necessários para a elaboração da Carta Arqueológica de Évora, por dois elementos da equipa, Mário Carvalho¹ e José Santos², junto à parede nascente do monte da Torre do Lobo, situado nos limites concelhios de Évora com Viana do Alentejo, entre as ribeiras do Outeiro e das Murteiras, num cabeço de grande domínio visual. É intenção da proprietária, D. Rita Queiroga,³ vir a depositá-la no Museu Regional de Évora.

Na herdade, limitada a norte pela Herdade de S. Marcos da Abóbada,⁴ a Torre do Lobo⁵ é antiga residência senhorial, hoje sem o aparato que outrora seguramente teve e onde terá existido uma torre de função com características típicas da arquitectura tardo-gótica

¹ Arqueólogo.

² Licenciado em História e Património Cultural.

³ A quem muito agradecemos a gentileza de nos haver deixado estudar o monumento.

⁴ Recorde-se que em S. Marcos da Abóbada (monte da Abóbada) se encontra uma das mais importantes *villae* do concelho de Évora de que se conserva, entre outras estruturas, um edifício circular abobadado (daí o topónimo...); esta *villa* foi identificada em 2000, no âmbito do trabalho de F. Bilou – cf. *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, Edição da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, 2004, p. 69 – e sobre essa estrutura ainda não foi produzido qualquer estudo arqueológico de enquadramento e, muito menos, gizado um projecto de escavação.

⁵ Coordenadas GPS: m 594731 p 4253236

local, de que constituem exemplos próximos as “torres” de Coelheiros e da Camoeira. O único indício da torre tardo-medieval é a configuração do edifício de dois pisos e a longa chaminé de ressalto apoiada em cachorros de pedra. Ainda é possível vislumbrar, nos alçados do segundo piso, o registo da escadaria na fissuração dos rebocos, que certamente devem ter encoberto o aparelho original.

A peça foi recolhida pelo caseiro do monte há alguns anos junto à “guarita”, designação popular para o marco geodésico do Lobo, e trazida para o actual local, onde tem passado despercebida. O sítio identificado como “guarita”, situado a cerca de 1 km a poente do monte, revelou-se-nos extenso habitat romano de tipo *villa*, com cerca de 1 ha.⁶ Aí deparámos com abundante cerâmica de construção (tijolo e *tegulae*) e comum, uma laje de xisto e um silhar de granito idêntico a um outro que existe junto ao monte, certamente com a mesma proveniência. Os principais materiais arqueológicos encontram-se reunidos em moroiços resultantes da desprega dos terrenos para a lavoura (zona de seara e azinhal disperso).⁷

De granito local róseo, de grão fino, com ligeira oxidação em algumas zonas devido ao contacto com o solo, a estela não foi afeiçãoada, apresentando forma tendencialmente rectangular. Apenas a face anterior poderá ter sido alisada para receber a inscrição, embora se não distinga, na superfície, um espaço delimitado que possamos designar de campo epigráfico, ocupando as três linhas da inscrição a parte média da face. Não há, também, vestígio de, na porção inferior, menor atenção ao talhe denuncie a (natural) previsão do seu enterramento na vertical, eventualmente na cabeceira da sepultura.

Dimensões: 114 x 68 x 15 (no topo) e 25 (em baixo).

TONGETAE / PITINNAE / F(*iliae*)

De Tongeta, filha de Pitina,

Altura das letras: 12,5/13. Espaços: 1: 35; 2: 7; 3: 1,5; 4: 32.

⁶ Coordenadas GPS desta *villa*: m 593216 p 4253911

⁷ Junto ao casario da Torre do Lobo existem outros materiais romanos: um peso de lagar de consideráveis dimensões e dois fragmentos de miliários, talvez provenientes da via que ligava Évora a Serpa e que passa a cerca de 4 km, a nascente, nos limites da herdade. Também um de nós (FB) confirmou a existência de dois miliários junto ao monte.

Paginação cuidada, se atendermos a que o F pretende acentuar um eixo de simetria e se usou, por duas vezes, o nexu AE, a fim de melhor aproveitamento do espaço disponível, servindo-se, inclusive, no final da l. 2, da haste do N, para um nexu (não muito frequente, mas ‘clássico’) de três letras; aliás, verifica-se aí que houve, da parte do lapicida, o recurso a um inteligente estratagema, dado que, para caber, grafou o E mais pequeno. Ou seja, apesar da sua aparente rudeza, a epígrafe denota sábia mão de artífice, a dominar bem a técnica e... a cultura!

Caracteres de traçado mui regular, gravados com goiva, esguios, ainda que o *ductus* não seja inteiramente uniforme: P aberto; O a denotar boa regularidade; G estreito e de haste breve e vertical; barras horizontais curtas no E e no T; A com barra a meio. Na l. 1, a barra superior do E continua para formar a do T.

Tongeta é antropónimo etimologicamente pré-romano, de que existem outros testemunhos⁸. Relacionam-no os linguistas com uma raiz *Tong-* /*Tonc-*, que se atesta, porém, mais assiduamente, no que concerne à Lusitânia romana, nos *conventus Emeritensis* e *Scallabitanus* (neste, com menos frequência), dado que este é, quanto saibamos, o primeiro exemplo no *conventus Pacensis*.⁹

Pitinna é, por seu turno, antropónimo que ora se revela pela primeira vez no território peninsular. Tem, à primeira vista, todo o aspecto de se tratar de um diminutivo, e seríamos tentados a considerá-lo formado, provavelmente, a partir de *Pitius*, nome que María Lourdes Albertos Firmat refere como documentado na Panónia Superior e na Dalmácia,¹⁰ não sendo, pois, de raiz pré-romana peninsular. Contudo, Kajanto regista-o como *cognomen* latino, relacionando-o com *Pisinnus*, antropónimos que inclui no número dos que se relacionam

⁸ De acordo com os dados recolhidos para a elaboração do *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana* [coord. de Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, p. 320-322, mapa 299], identificaram-se doze testemunhos da forma *Tongeta*, dois da forma com c (*Tonceta*) e apenas um patronímico: *Tongeti*.

⁹ Cf. VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005: as p. 411-423 são dedicadas ao estudo deste radical. O território de Nisa poderá, de acordo com as últimas tendências da divisão dos *conventus* pertencer ao *Emeritensis*: é daí que provém o único testemunho «alentejano» até ao momento – cf. *Ficheiro Epigráfico* 23, 1987, inscrição n.º 107 (*Tongeta Tulori filia*).

¹⁰ Vide *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 184.

com a idade, concretamente à infância, no âmbito da linguagem popular, com o significado de «pequenino».¹¹ Estamos, pois, diante de um nome latino que tem singular ligação à realidade concreta do quotidiano, a confirmar o que, amiúde, se tem acentuado: a adopção como antropónimos de termos com um significado preciso. Neste caso, duas reflexões não podem passar despercebidas: a filiação é indicada com menção do nome da mãe (e não do pai) e o termo – ainda que tal possa parecer irreal, dois mil anos passados... – é relacionável com a palavra portuguesa pitinha. Pitinha é, no Sul de Portugal, o nome que se dá a um dos pássaros mais pequeninos da nossa fauna avícola; «pitinha» é uma franganita pequena; e «pitinha» é também o nome carinhoso que se dá a uma criança (ou mesmo ou a mulher) pequena. Por consequência, não se nos afigura provável que a filiação indicada pelo lado materno possa acarretar qualquer mácula.¹² Pelo contrário, veríamos aqui, de preferência – para além da ternura que advém da designação, seguramente conhecida entre os elementos da comunidade – um reflexo do relevante papel de que, nesse dealbar do contacto entre indígenas e romanas, a mulher usufruía.¹³

Não resistimos, neste âmbito da cultura epigráfica, a evocar aqui uma outra estela, identificada na actual Quinta de S. Jorge, freguesia de Nossa Senhora da Tourega, também nas imediações de Évora, que já se publicara,¹⁴ mas a que mais recentemente se voltou para analisar a (aparentemente) estranha estrutura do epitáfio, que diz: SITVS / MAILONI / CAENONIS / F(*ilius vel -o*). Tudo, na verdade, fora das regras habituais, cujo conhecimento seria, por isso, ainda deficiente; e a explicação que ora se adiantou afigura-se plausível:

«Sabia-se, pelo contacto quotidiano, o significado de *situs* – a indicar, por exemplo, o local de sepultura; sabia-se que se deveria identificar o defunto (com um nome mais o patronímico); não se

¹¹ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 299: «*Pisinnus* belonged to the popular language, and was a substitute for *parvus*».

¹² Como se sabe, o normal é a indicação do nome do pai e, no caso de menção da mãe, tende-se a ver aí um reflexo de filiação ilegítima.

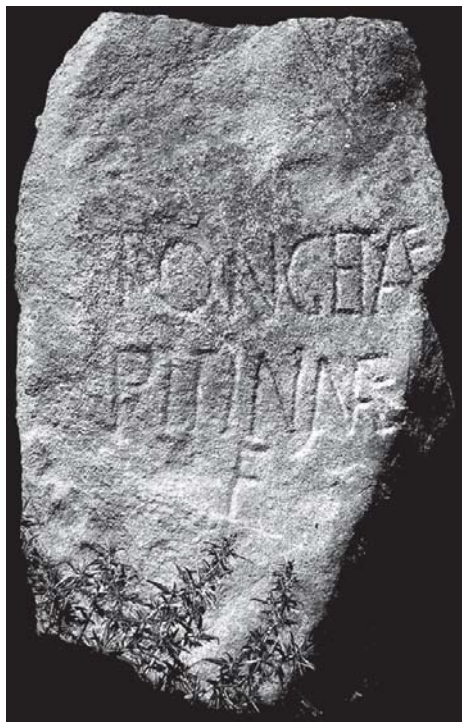
¹³ Cf., a esse propósito, entre outros: José d'ENCARNAÇÃO, «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in M^o Carmen SEVILLANO SAN JOSÉ *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado. Una Herramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113; e Luís da Silva FERNANDES, «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugália*, nova série, 19-20, 1998-99, 129-228.

¹⁴ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984, inscrição n.º 403.

estava, porém, dentro dos mecanismos formais latinos, em que se optou por gravar o epitáfio, também numa vontade de imitação». ¹⁵

Ambos os monumentos, pelas suas características físicas e textuais vão, pois, no sentido de se concluir o que não é de admirar, mas que assim bem se comprova: enquanto no perímetro urbano da cidade a epigrafia obedece a cânones importados, nomeadamente no que à tipologia dos monumentos diz respeito, e a onomástica é latina, nos arredores da cidade persistiu uma cultura autóctone que pouco a pouco se deixou influenciar. Desse estágio de aculturação são notáveis exemplos estas duas estelas.

Pela gravação em goiva, pela paleografia, pela onomástica e pela simplicidade do texto (só com a identificação da defunta e em genitivo) – é monumento datável dos primórdios do século I da nossa era, podendo mesmo ser passível de recuar aos finais do século I antes.



402

FRANCISCO BILOU
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

¹⁵ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «A epígrafe latina como elemento didáctico (XXV)», *Boletim de Estudos Clássicos*, 51, Junho 2009, 63-67.